

Heróis de gibão de couro:

história e identidade dos vaqueiros campomaiorenses através da literatura

Francisco Cleisson Sousa Viana¹
Fábio Leonardo Castelo Branco Brito²

Resumo: Este trabalho procura discutir o processo de cristalização e desnaturalização da figura do vaqueiro, enquanto representação identitária da cultura piauiense. No caminho oposto aos esforços de alguns intelectuais do Estado, que visaram a constituição de uma piauiensidade – vista enquanto identidade fixa de um povo – ou mesmo de uma nordestinidade, será objetivo desse trabalho apontar a figura do vaqueiro para além das formatações tradicionais que a ele são atribuídas. Nesse sentido, será feito uso da literatura de cordel como principal fonte para se entender os múltiplos discursos produzidos a respeito desse personagem, e as possibilidades de desconstruí-lo, no sentido de forjar discursos outros. Em termos teóricos, o trabalho se aporta na concepção de identidade cultural na pós-modernidade, de Stuart Hall.

Palavras-Chave: História; Identidade cultural; Vaqueiro; Literatura de cordel; Piauiensidade

Abstract: This paper discusses the crystallization process and the denaturalization figure of the cowboy, while identity representation of Piauí culture. In the opposite way to the efforts of some intellectuals of the state, which sought the establishment of a piauiensity - view while fixed identity of a people - or even a nordestinity, will aim of this study point to the figure of the cowboy beyond traditional formats that it are assigned. In this sense, will be made use of musical literature as a primary source for understanding the multiple discourses produced about this character, and the possibilities of deconstruct it in order to forge other discourses. In theoretical terms, the work brings in the concept of cultural identity in postmodernity, of Stuart Hall.

Keywords: History; Cultural identity; Cowboy; Cordel literature; Piauiensity

Leather jerkin heroes:

History and identity campomaiorenses cowboys between literary

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Professor Assistente I da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Membro do GT “História, Cultura e Subjetividade” (CNPq/Lattes). Atualmente, é doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. fabioleobrito@hotmail.com

² Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – Campus Heróis do Jenipapo. cleissondesousa10@hotmail.com

*Eu sou rude sertanejo:
Só falo a língua das selvas
Onde impera a natureza.
Não sei fazer epopeias,
Não entendo de poemas,
Nem choramingo pobresas.*

Hermínio Castelo Branco

Introdução

Avista-se nas chapadas um sujeito marcado pelo sol ardente do sertão. Pele, pelo e alforje gastos pelo tempo, pela lida, pelo fazer diário que consome quaisquer resquícios de fineza e lhe impõem uma imagem rude. Cabra sem porteiras, idealizado pelas donzelas, temido pelos caboclos, respeitado pelos fazendeiros. Tocando a boiada, ergue o chapéu de couro, aponta no horizonte exalando heroísmo e masculinidade. Sujeito forte, guarda dentro de si todos os sentimentos do mundo: o desejo sexual masculino latente, a postura de valente, destemido, herói de gibão de couro, dono de um fazer que exclui frouxos, maricas e almofadinhas. Protagonista de cantigas de cordel, romances sertanejos, letras de forró. Herói de muitos mundos, irrompendo no horizonte, pedaço romântico de uma crueza que o cerca, impelido a ser exemplo, a ser utopia e devir.

As linhas acima ajudam a formatar a imagem construída de um personagem da cultura nordestina, e, marcadamente, da cultura piauiense. Ao longo da história do Piauí, o vaqueiro notabilizou-se como representação identitária do Estado, como desbravador do sertão, herói de nossa literatura romântica. Além disso, marcou-se também por ser um estereótipo do “macho nordestino”, “figura desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural desde o começo do século” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013b, p. 18), mito cultural fabricado nas teias do folclore local, teimoso em impedir que os valores tradicionais de seu povo sucumbissem à emergência do mundo moderno³. O vaqueiro piauiense apareceria, assim, como produto de uma cristalização cultural, emblema do passado, cultuado pelo vigor físico, heroísmo e masculinidade, digno representante do homem do Piauí, em sua honra, virtude e poder.

³ Para uma discussão do folclore e da cultura popular nordestina, tanto sob o viés histórico quanto a partir dos apontamentos de folcloristas locais, ver, respectivamente: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular* (Nordeste – 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013; OLIVEIRA, Noé Mendes de. *Folclore brasileiro: Piauí*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1972.

Emerso nessas linhas que remetem à tradição do Estado na qual está inserida, a cidade de Campo Maior, localizada na região norte do Estado do Piauí, é conhecida como a terra do vaqueiro. Essa é uma realidade que circunda o espaço e as práticas socioculturais da cidade, reinventando o conceito de realidade. Sentindo-se, assim, a necessidade de problematizar, de tornar histórico, um pedaço construído e sedimentado pelos regimes de verdade, esse trabalho objetiva investigar a historicidade que o atravessa e contribuir com novos conhecimentos a respeito de sua identidade.

Por entender que a pecuária, no século XVIII, que dera início a ocupação e povoamento do sertão do Piauí, era uma atividade que criava vínculo familiar e se configurava como mantenedora de um *status* social, sendo digna de respeito e privilégio⁴, vejo que, no mundo pós-moderno, esse vínculo encontra-se fragmentado e que o respeito e honra aparecem sob uma perspectiva identitária cambiante na sociedade neocapitalista. Nesse sentido, o sujeito vaqueiro está vivendo a desvinculação, encontrando-se desterritorizado em relação à propriedade de seus patrões, processo que dá início a um deslocamento de cultura, e que abre horizontes para uma subjetividade configuradora de identidades flutuantes na modernização de novas práticas e hábitos que não sege mais um modelo padrão desse sujeito e seus valores. Vejo também que essa nova configuração identitária, que tem início no final do século XX e início do século XXI, não esmaece o fascínio exercido pela figura do vaqueiro, mas o desloca e incorpora novos valores multiculturais, pluri-identitários, assumindo não apenas a postura de ser vaqueiro, mas associando a ela outras condições de existência que lhe atravessam. (Cf. HALL, 1999).

Em vista de tais questões, este trabalho busca refletir a respeito da condição social e cultural do vaqueiro, analisar os conceitos e discursos que se formaram sobre ele. Utilizo como fontes a literatura, sobretudo a de cordel. No entanto, para além dela, ganham destaque outras obras, de âmbito regional, como *Ataliba o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, e *Vaqueiro e visconde*, de José Expedito Rêgo, narrativas literárias que apontam para uma identidade de vaqueiro, sertanejo, símbolo e referência de conhecimento de uma região miserável, pobre, seca e de pessoas simples, matuta, ignorantes e sofridas, ou, por outro turno,

⁴ Para uma leitura da pecuária como atividade principal do Piauí no século XVIII, ver: BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995; BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: EDUFPI, 1999; MOTT, Luiz. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.

como figura heroica piauiense, exercidas, no campo ficcional, respectivamente, pelo vaqueiro Ataliba e pelo Visconde da Parnaíba, Manoel de Sousa Martins (Né de Sousa).

Esse trabalho caminha no sentido de problematizar essa identidade que deram ao vaqueiro, que se configurou, se perpetuou se perpetua. Seria uma identidade naturalizada ou construída historicamente? Pretende-se nesse trabalho analisar as múltiplas representações literárias a respeito do vaqueiro, e associá-las às propostas de problematização presentes tanto na obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), quando questiona as configurações imagético discursivas a respeito do Nordeste e dos nordestinos, quanto no trabalho de Alcebíades Costa Filho (2010), que historiciza o discurso cristalizado que constituiu uma cultura e identidade única, caracterizada como *piaiensidade*. A intenção é vincular essas referências como pressupostos para melhor compreensão de como Campo Maior foi, historicamente, constituída como “a cidade de vaqueiros”.

Refletindo acerca da produção de literatura ficcional, que tem repercussão nacional, é possível tomar a literatura de cordel, produção popular, largamente desenvolvida em Campo Maior, como um objeto possível de análise. Refletir sobre como essas constroem a imagem de um vaqueiro pertencente a uma limitação espacial, o Nordeste, e, pra ser mais específico, ao Piauí e a Campo Maior – esta como espaço delimitado desse artigo – cidade onde a percepção da cultura permanece enquanto construção tradicional, de costumes arraigados e hábitos cristalizados, resistente às fragmentações do mundo pós-moderno. Nessa perspectiva, enunciaremos algumas possibilidades de estudar esse personagem, em sua constituição histórica e identitária.

As aventuras de Ataliba: passeios do vaqueiro pela nordestinidade e piauiensidade

Nos discursos tradicionais, encontramos o vaqueiro como um sujeito pertencente a uma limitação geográfica, o “Nordeste”. Dessa maneira, o vaqueiro sertanejo será um sujeito construído no interior desse Nordeste, localizando-se como parte de uma imagem-discurso que remete a uma *invenção histórica*, uma vez que, quando falamos que um determinado grupo social limitando-o a uma ambiência geográfica e, principalmente, a um estereótipo, estamos descartando a possibilidade de deslocamento, mudança, e incorporação de novos modelos de cultura. Portanto, dificilmente as culturas conectadas a ferramentas permanecem intactas, sólidas e arraigadas, sem sofrer alterações e influências de outras. O vaqueiro

contemporâneo é sujeito de seu tempo, pois não foge a fato de que a globalização lhe oferece novos dispositivos e mecanismo de transporte e de comunicações (Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Dessa maneira, surge a seguinte indagação: o vaqueiro existe, enquanto sujeito isolado da globalização, apartado das transformações possibilidades pela condição pós-moderna (Cf. HARVEY, 2012)? Existe enquanto um sujeito constituído apenas pelo tradicionalismo arraigado e fiel a velhos hábitos e práticas, justificados pela cega crença de perpetuação, sem quebra desses pontos de equilíbrio?

É nossa intenção problematizar sobre esses discursos, que cristalizam a ideia de um vaqueiro dotado de símbolos que o identificam, e que ajudam a formatar sua imagem como sujeito puro, de constituição identitária única, pertencente a um contexto histórico igualmente estereotipado. O vaqueiro, tal qual se analisa nas perspectivas mais tradicionais, constitui-se como um personagem que é parte de uma história e cultura regional, pertencendo, unicamente, a esse contexto, e resistindo a transformar-se em algo para além dele. Nesse sentido, concordamos com Albuquerque Júnior quando este coloca que:

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, são produtos de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente. [...] Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e os nordestinos. [...]. (2011, p. 31)

O autor alude à questão de que o Nordeste é um discurso imagético e, por isso, associa-se a tentativa de um controle cultural e social, como se existisse cultura e sociedade permanentemente nordestina, sem ultrapassar esse limite territorial. Nesse caso, o vaqueiro é visto como pertence do Nordeste, parte dessa construção estereotipada, de imagens e enunciados clichês que insistem em colocá-lo como representante de uma tradição. Sabemos, pois, que tais discursos são construídos historicamente. Mas o que, no âmbito de um processo histórico cultural, divulga esse exemplo de vaqueiro sertanejo? A historiografia aponta para um conjunto de intelectuais literatos que escrevem sobre esses sujeitos, inserindo-os no

âmbito da construção histórica de uma *piauiensidade*⁵. No entanto, tal discurso é uma construção exclusiva da intelectualidade piauiense, ou os próprios sujeitos colaboram para a cristalização desses discursos como verdade?

Esse texto não tem como objetivo apontar respostas contundentes sobre como esse sujeito é identificado e como próprio se identifica. Não nos cabe, nesse momento, afirmar que o vaqueiro assume velhas práticas culturais, ou indicar que o mesmo transformou-se na pós-modernidade. Por outro lado, pretende-se abrir caminho para problematizar o vaqueiro, como sujeito fragmentado, dividido entre as velhas práticas e as novas formas de se perceber no contexto sociocultural. Procuramos, nesse sentido, questionar o quanto tal fragmentação identitária afeta a sua posição de “ser vaqueiro”.

O Nordeste e o ser nordestino remetem a uma série de estereótipo, que incluem a imposição de uma identidade regional fixa, marginalizando os sujeitos inseridos nesse espaço e definido com submissão os grupos a ele pertencentes, sem fazer reparo na subjetividade e individualidade que os grupos possuem em relação aos indivíduos que participam. O estereótipo é uma forma de pôr os indivíduos em uma rede onde todos se apresentam de maneira idêntica, especialmente em relação às suas práticas, obedecendo a uma estrutura social rigidamente inventada. É a partir dessa perspectiva que se observa a construção de um sentimento de inferioridade do nordestino, perspectiva que pode ser aplicada às representações em torno da identidade do vaqueiro.

Partindo desse pressuposto, entende-se que o vaqueiro é estereotipado e associado ao que Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) conceitua como o “ser nordestino”. Dessa maneira, o vaqueiro piauiense é enxergado como um sujeito inserido no território de uma linguagem particular desenvolvida no sertão, sujeito que, de acordo com os discursos literários, ainda vive de maneira semelhante ao que é narrado nos primórdios da história do Piauí. É possível exemplificar esta questão a partir de um trecho da obra *Ataliba, o Vaqueiro*, de Francisco Gil Castello Branco, onde Ataliba, personagem central, pode ser enxergado como uma metáfora do sertanejo piauiense:

⁵ No final do século XIX e início do século XX, a atuação de homens de letras piauienses, oriundos da Faculdade de Direito de Recife, no sentido de produzir uma literatura e uma história que conferisse ao Piauí uma identidade nacional, foi proeminente, marcada pela participação figuras tais como Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Jonatas Batista e outros. Para uma discussão sobre a relação entre a intelectualidade piauiense do final do século XIX e início do século XX e o processo de construção histórica de uma piauiensidade, ver: SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade: narrativas da piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010; COSTA FILHO, Alcebíades. *A gestação de Crispim: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade*. 2010. 194 p. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

[...] era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. [...] Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado e o seu porte esbelto, em harmonia com o seu vestuário, dava-lhe o aspecto de magnífica estátua fundida em bronze. [...] (CASTELLO BRANCO, 2004, p. 32).

Ataliba é descrito como herói. Seu porte atlético remete a um ideal de masculinidade eugênica, que lhe confere estatuto de exemplo a ser seguido pelo homem nordestino: bravo, forte, viril, imagem de “uma raça forte e homogênea” a ser inscrita e difundida socialmente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013b, p. 159). Embora a obra de Castello Branco date do final do século XIX, sua escrita aponta para uma figura que em muito se assemelha às discussões historiográficas construídas sobre o vaqueiro piauiense desde o início da ocupação e povoamento do Piauí, processo que tem início em torno de currais, ambientes construídos para o desenvolvimento e facilitação das atividades do vaqueiro para com o rebanho de gado, onde a pecuária era a principal atividade da região na segunda metade do século XVII e um dos primeiros responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade em termos econômicos e sociais.

Sujeito conceituado como homem valente, responsável, trabalhador digno de admiração, que todo homem livre desejava ser. Desempenhava posição de *status* social, uma vez que, muitas vezes, era responsável pela administração de fazenda, e, em grande parte, cabia-lhe até mesmo ter subordinados, escravos ou homens livres, que trabalhavam como auxiliares. O vaqueiro do primórdio da ocupação das terras piauienses é definido no discurso histórico como sujeito que usava gibão, perneira, chapéu, objetos produzidos do couro do gado. Era homem que tirava da terra seu sustento, produzia o seu alimento da agricultura de subsistência, e, dentre os mais louvados, logo tornavam-se sócios de seus senhores, uma vez que a remuneração do vaqueiro era mantida a custo de um quarto do gado que nascia e muitos souberam aproveitar tornando-se além de vaqueiro também sócio (Cf. BRANDÃO, 1999).

Partindo do relato de padre Claudio Melo (1988), aceitamos que, desde o primórdios da história do Piauí foi o vaqueiro um primeiros habitante da cidade Campo Maior – cuja ocupação e povoamento se dá ao redor da fazenda Bitorocara, e que, posteriormente, seria a inspiração para que se criasse a freguesia de Santo Antônio do Surubim. O autor, ao fazer uma biografia de Bernardo de Carvalho Aguiar, conclui que o biografado foi o primeiro a instalar currais e fazendas e era do dono da fazenda mais antiga, considerando-o, dessa maneira, o fundador de Campo Maior.

Bernardo de Carvalho tinha como missão no Piauí dizimar os índios que estavam invadindo as fazendas e roubando bois matando pessoas. “Daí veio o interesse pelas terras do Piauí, sobretudo Campo Maior, Bernardo era um português rico e militar envolveu coma pecuária e estudou currais e fazendas tornando-se um grande pecuarista criador de gado” quase que troca o serviço militar pelo gibão. (MELO, 1988). Sabemos, assim, que o vaqueiro, nos começos da história de Campo Maior, era um sujeito arraigado à atividade pecuarista; que usava gibão, perneira, chapéu e que tudo isso era retirado da agricultura de subsistência e da pecuária, sendo estas suas principais atividades de trabalho, e o gado o principal produto que lhe servia como alimento.

No entanto, é perceptível que, no século XXI, tal configuração social e cotidiana, que delineia o modo de vida do vaqueiro apresenta uma série de intensas modificações. Tais modificações podem e devem ser objeto de historicização, uma vez que cabe indagar até que ponto esse sujeito permanece como personagem cristalizado da cultura brasileira. Sua imagem perpetua-se na contemporaneidade? Como um sujeito dotado de signos e práticas que podem identifica-lo como vaqueiro ainda é apresentado como fiel à cultura pertinente ao Brasil colônia, não sofrendo alterações em sua estrutura cultural? O modelo padrão de vaqueiro se fragmentou ou, no século XXI, temos o mesmo vaqueiro? De que maneira é possível repensar a identidade cultural do vaqueiro campomaiorense ante a emergência histórica da pós-modernidade brasileira (CASTELO BRANCO, 2005)?

O vaqueiro campomaiorense através da literatura de cordel

Como já foi ressaltado no texto, a observação que tem sido oferecida no tempo presente aponta para uma série de diferenças na configuração de uma imagem do vaqueiro em Campo Maior. Tomando como referência os festejos do glorioso Santo Antonio, que é realizado em Campo Maior todos os anos no mês de junho, podem ser feitas algumas observações: em uma delas, que partem de lembranças de infância, notamos que, no dia do vaqueiro, observavam-se homens que passavam trajados de gibão, perneira, chapéu de couro e o cavalo. No parque de vaquejada, era comum que os vaqueiros andassem vestidos a caráter. Porém, nas últimas décadas, pudemos observar que o fluxo simbólico e identitário tem se alterado sensivelmente.

Parece que o vaqueiro está vivendo e adequando-se a outra realidade que é a pós-modernidade, uma realidade que, para alguns estudiosos, é tida como uma condição portadora de uma sociedade fragmentada, antimoderna, onde a coletividade dá lugar aos devires individuais. Em Campo Maior, nos parques de vaquejadas, encontram-se poucos cavalos, que vêm sendo, ao longo do tempo, substituídos por motocicletas. Igualmente, também são poucos os vaqueiros trajados a caráter, ficando difícil saber quem é vaqueiro protagonista de sua cultura e quem é apenas admirador.

A representação cultural do vaqueiro campomaiorense pode ser percebida através de produções literárias da cidade, possíveis de serem conceituadas como *literatura de cordel*. “Escrita do ordinário”, o cordel pode ser visto como “repositórios de informações históricas” (SILVA, 2008, p. 160). Dessa maneira, a literatura aparece como fonte histórica relevante, no que é possível concordar com Teresinha Queiroz, quando esta afirma:

A poesia é notável enquanto registro de todo um conjunto de experiências legadas ao sentimento, ao pulsar da vida, ao cotidiano, à expressão e ao registro das emoções que a história, por muito tempo, não necessariamente conseguia captar e cristalizar. Enfoque novo da história que colocam em primeiro plano as dimensões da objetividade resgatada por essa via a efervescente sensibilidade de sujeitos da história. [...] (QUEIROZ apud COSTA FILHO, 2010, p. 14).

Tomando como base tal colocação, percebemos que a história faz uso de meios literários para refletir e, a partir do sentimento poético e da subjetividade da poesia, problematizar o espaço sociocultural que a memória do poeta se condensa. Os sentimentos poéticos de cordel fazem alusão a uma realidade, uma vez que a literatura “considera os possíveis da História, os possíveis até mesmo irrealizáveis, alude principalmente ao virtual, ao potencial, a um repertório de possibilidades dadas pela História” (QUEIROZ, 2006, p. 81). A poesia popular, particularmente, parte de um contexto social e cultural que circunda o mundo existencial de festividades e alegrias, e por outro lado, reflete as decepções sociais, denunciando explorações dos grupos, expondo as subjetividades que estes constroem enquanto sujeitos, tornando múltiplas as concepções de seu mundo real ou imaginário.

A exemplo da literatura de cordel, temos fragmentos do poema *El Pacificador*, de Elmar Carvalho, que narra a história de Bernardo de Carvalho como fundador de Campo Maior, o exaltando como um grande herói. Em suas estrofes, refere-se a Campo Maior como cidade planejada a partir de uma fazenda que dera à Vila do Surubim *status* de cidade. Uma vez citando Bitorocara como principal referência à criação de uma cidade, logo sabemos que,

desde sua fundação, existiam na região fazendas e vaqueiros, que deram expressiva contribuição social para a formação sociocultural campomaiorenses. Dessa maneira, temos:

Bernardo de Carvalho e Aguiar
seu nome honrado
ainda vibra no ar
nas cidades, nos currais
e nas igrejas que semeou
Os dedos longo dos campanários ainda
apontam as etéreas campinas celestiais
Da fazenda Bitorocara
plantadas nas margens do Surubim,
rebentou a cidade encantada
dos planos campos maiorenses,
dos carnaubais vastamente dilatados
(CARVALHO, 2012, p.36)

Ao dialogar com outra poesia, essa de Evaldo Lopes, percebemos a exaltação que este faz a respeito de Campo Maior, como bela e majestosa, digna de elogios, suas fazendas e gado como símbolos da ocupação dos primeiros colonizadores, demonstrando, assim, que a história dos primórdios de Campo Maior caminha de mãos dadas com a da ocupação dos bandeirantes, que, posteriormente, viriam a ser proprietários de grande parte das terras doadas pela Coroa Portuguesa por meios das datas de sesmarias:

Ó Serra bela
Dos meus sonhos
E das minhas fantasias!
Os colonizadores aportarem
Na freguesia de Santo Antônio
Do Surubim
E na sequiosidade bandeirante
Rasgaram a mata virgem
Semearam fazendas na terra boa
E soltaram os bois na mimosa
(LOPES, 2010, p. 27)

Não obstante a exaltação à Campo Maior como fruto de expansão de fazendas visto em Elmar Carvalho, podemos observar em outro texto da lavra do autor uma representação dos primórdios de nossa história – o vaqueiro, homem arraigado à terra e de costumes e hábitos cristalizados, que o identifica como sujeito campestre, identificado, principalmente a seu modo de se vestir e sua linguagem, que soa no aboio para chamar a atenção da boiada, como é possível perceber no fragmento abaixo:

CROMOS DE CAMPO MAIOR

O vaqueiro em seu terno de couro
Segunda pela áspera de seu corpo
Solta seu canto de guerra
e paz: O boi-uui! boooooi!
O eco é o aboio de outro vaqueiro: uui! boooooi!
(CARVALHO, 2012, p. 33)

A poesia de Elmar Carvalho apresenta o vaqueiro com velhas práticas e símbolos, o que, para o poeta, é o que identifica esse sujeito, como se o vaqueiro do período da colonização de Campo Maior permanecesse arraigado aos mesmos signos, o que independeria do fato de este personagem estar localizado em 2012, ano de publicação da obra *Bernardo de Carvalho: O Fundador de Bitorocara*.

O vaqueiro como ser de cultura estagnada, e que permanece rígida desde o período colonial do Brasil, pode também ser notado em outra poesia de Evaldo Lopes, que também refresca sua memória com a lembrança de um vaqueiro vestido a caráter, e que sente orgulho de ter o gibão como uma de suas representações sociais. Pegamos como exemplo a seguinte estrofe:

Ó velho mirador! Miradouro!
Vives sentindo a dor
Nina-me com os aboios das manadas
E nas manhãs de sol gostoso
Solta-me na vastidão das campinas
Para o galope livre
E o orgulho audiz
De campear com gibão novo
(LOPES, 2010, p.39)

O orgulho por “campear com gibão novo” marca a figura conservada do vaqueiro. Forja-se numa perspectiva romântica, dotada de uma ideia de liberdade, na qual poderia “viver sem sentir dor”, “ninar-se com os aboios das manadas”, “soltar-se na vastidão das campinas nas manhãs de sol gostoso”. Sua existência e seu ofício configuram-se numa vivência repleta de prazeres, idílica, onde lograria das benesses de, não estando preso a amarras, poder correr ou apear-se ao seu bel prazer.

Outro exemplo retratado na poesia, a qual cita o vaqueiro como estagnado que parou no tempo presente é uma estrofe poética de Elmar Carvalho, que coloca o vaqueiro, igualmente, com as mesmas características do período colonial, mesmo quando é usuários de

meios de transporte na atualidade, mantendo-se fiel às tradições e à sua constituição identitária, resistindo às mudanças e aos avanços tecnológicos que a pós-modernidade nos oferece. Nesse sentido, essa poesia conclui que:

O vaqueiro e o cavalo
Se fundem e se confundem na desolada ala carreira que voa
Comprando gado pelos campos
De Campo Maior
(CARVALHO, 2012, p. 42)

Aqui, a cultura do vaqueiro é vista como algo rígido, resistente às transformações nas suas estruturas, imune a aceitação de interferência e à colisão com novas culturas e novas representações. No entanto, é perceptível que, em meados da década de 1960, assim como coloca Edwar de Alencar Castelo Branco, começa a processar-se um exercício de redefinição do Brasil, percebendo nesse momento, como coloca esse autor, a condição histórica de emergência da pós-modernidade brasileira, em outras palavras:

[...] a partir de meados da década de sessenta, especialmente face ao processo de expansão das modernas tecnologias no país – onde se incluem a crescente popularização da Televisão e a relativa multiplicação dos computadores no país –, que a sociedade brasileira, no lastro do que ocorrera e ocorreria em outras regiões do planeta, passa crescentemente a lidar com mais signos do que com coisas. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 95)

Esse processo inclui o que passa a ser chamado pelos especialistas na temática de constituição de uma geração pós-industrial, na qual o espaço urbano se transforma em principal palco das ações humanas. Nesse sentido, a figura tradição do vaqueiro, sua identidade fixa, e comumente associada a uma tradição rural do Nordeste, do Piauí e de Campo Maior, se descentra, e começa a ser atravessada por novos devires de urbanidade, dinamismo e tecnologia. O que restaria do herói de gibão de couro? Em que se fragmentaria sua imagem, sua identidade, seu lugar social?

Considerações finais

O vaqueiro atualmente vincula-se a elementos que o constituem como sujeito moderno, inserido em seu tempo, mesmo que possamos observar que o vaqueiro campomaiorense, na maioria dos casos, não mais reside apenas no meio rural, esse não foge aos usos de ferramentas que o ajude a desenvolver suas atividades pastoris. O vaqueiro não

deixou de comprar a procura de sua boiada, muito menos de usar dos seus meios de expressão comunicativa com os animais, mas insere novos códigos de comunicação, que se torna viável uma vez que ao fazer uso de material tecnológico, que o serve tanto para o trabalho como para outras atividades, a exemplo da motocicleta. Nesse sentido, é importante pensar o vaqueiro, como elemento pertencente a uma tradição de cultura popular, para além das tradições, e o historiador que o trabalhará como alguém que realizará não um “resgate”, mas sua inserção em uma discussão problematizadora e desnaturalizante:

[...] Nada no campo cultural é puro, autêntico e original. O campo cultural, em qualquer época e espaço, é marcado pelas misturas, pelas mestiçagens, pelos híbridos, pelas amálgamas, pela circulação, pelo fluxo multidirecional das matérias e formas de expressão. Nada no campo cultural garante a preservação da identidade, pois ele é presidido pela criatividade, pela capacidade humana de criar símbolos, linguagens, sentidos vários e diversificados, ele é presidido pela diferenciação, pela proliferação barroca dos significados. [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013a, p. 230)

O vaqueiro é representado, nos discursos observados, como amante e apagado a fazenda na qual trabalha. Parece, no entanto, que o ser vaqueiro é agora um elemento cristalizado da cultura campomaiorense, por sua vez um trabalho que além de apaixonante despertadora de emoções agitações, maneja também um interesse maior que salário, onde o vaqueiro se interessa mais é pela sua recompensa paga em cédulas de dinheiro. Mesmo assim ainda existe o pagamento de um quarto de animais nascidos na fazenda destina-se ao vaqueiro como recompensa de seu trabalho.

Conclui-se que Campo Maior, chamada de “terra do vaqueiro” devido à primeira casa de que existiu, a Fazenda Bitorocara, aparece como espaço onde a cristalização da figura desse elemento sociocultural se configura através das produções literárias, ao mesmo tempo em que aparece ressignificada em outras manifestações da cultura local, colocando-se, assim, como uma constituição identitária cambiante, plural. Caminhadas pela cidade, mesmo que no perímetro urbano, denotam, ainda, a presença de resquícios de fazendas, o que lhe confere uma condição espacial híbrida, “rurbana”⁶, o que apontará para a identidade de um vaqueiro para além do antigo “herói de gibão de couro”, transformado em sujeito pós-moderno, reinterpretado por novas configurações de sua existência. O vaqueiro esta nos mosaicos, como

⁶ O “rurbano” aparecia como conceito que dá conta do caráter híbrido de certos espaços, localizados, física e identitariamente, entre características do campo e da cidade. Para uma discussão a respeito do conceito de “rurbanização”, ver: SILVEIRA, Thiago Coelho. *Desvelando os caminhos de Santana: história e memória de um processo de rurbanização em Teresina-PI*. 2013. 161 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

proposta de mascote de eventos – caso dos 250 anos da emancipação política da cidade, onde encontra-se à venda o mascote “Vaqueirinho”, que concorreu em votação com o mascote eleito “Carnaubinho” – e o vaqueiro está, principalmente na literatura campomaiorenses, escrita, em grande parte, por autores que fazem parte da Academia Campomaiorenses de Letras (ACALE), instituição que demonstra o interesse de manter esse personagem como uma figura representativa da identidade e da história local.

Em suas atividades e práticas de trabalho pastoril, aparecendo como um símbolo cristalizado pela ótica que eleva o sofrimento, miséria, pobreza da terra e dos que nela habitam, um coitado condenado pelo destino, mas que nunca se entrega a luta contra a sorte mesmo sem obter resposta e seu poder fugir da má sorte. Mesmo com tanto sofrimento consegue viver com a alegria e ser feliz em suas ruínas sem perder a fé em Deus sonha com dias melhores. A partilha do gado é sua recompensa de sua dedicação e trabalho essa é a sua principal felicidade. No entanto, devido esse novo comportamento e práticas que o vaqueiro introduziu ele está inserido naquilo que chamam globalização, o vaqueiro está perdendo sua identidade que muito se acreditava ser intacta permanente em sua estrutura cultural ou isso é apenas uma cega forma de estereotipar o ser vaqueiro caracterizando e estereotipando das suas práticas e atividades.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste – 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013a.
- _____. **Nordestino**: invenção do falo – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013b. (Coleção Entregêneros)
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995
- _____. **O escravo na formação social do Piauí**: perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: EDUFPI, 1999.
- CARVALHO, Elmar. **Bernardo de Carvalho**: o fundador de Campo Maior. Teresina: Gráfica do Povo, 2012.
- CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. Teresina: Corisco, 2004.

- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade. 2010. 194 p. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 1999.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2012.
- MELO, Cláudio (Pe.). **Bernardo de Carvalho**. Teresina: EDUFPI, 1988.
- MOTT, Luiz. **Piauí colonial**: população, economia e sociedade. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.
- LOPES, Evaldo. **Meu Campo Maior**. São Luís: Litograph, 2010.
- OLIVEIRA, Noé Mendes de. **Folclore brasileiro**: Piauí. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1972
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. História e literatura. In: _____. **Do singular ao plural**. Recife: Bagaço, 2006. 81-93.
- RÊGO, José Expedito. **Vaqueiro e visconde**. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.
- SILVA, Maria do Rosário. Literatura de cordel: uma escrita do ordinário. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Org.). **Entre línguas**: movimento e mistura de saberes. Fortaleza: UFC, 2008. p. 160-170.
- SILVEIRA, Thiago Coelho. **Desvelando os caminhos de Santana**: história e memória de um processo de rurbanização em Teresina-PI. 2013. 161 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.
- SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e identidade**: narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010.

Recebido em: 11 de dezembro de 2015.

Aprovado: 15 de abril de 2016.